



ESTUDO DE REVISÃO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CLÍNICA PSICANALÍTICA NA RUA

REVIEW STUDY ON EXPERIENCES OF PSYCHOANALYTIC CLINIC ON THE STREET

José Guilherme Nogueira Passarinho   Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.



**Revista
Práxis em Saúde**

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056
DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2612>

ESTUDO DE REVISÃO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE CLÍNICA PSICANALÍTICA NA RUA

REVIEW STUDY ON EXPERIENCES OF PSYCHOANALYTIC CLINIC ON THE STREET

José Guilherme Nogueira Passarinho¹

Resumo: Trata-se de um estudo de revisão sobre experiências de clínica psicanalítica na rua. Parte-se da constatação de que experiências desse tipo se multiplicaram no Brasil nos últimos anos, o que levou à produção de uma bibliografia já considerável de relatos e reflexões sobre as consequências teórico-práticas do exercício da psicanálise nessa nova configuração do setting clínico. Assim, realizou-se uma leitura crítica dessa bibliografia com o objetivo de apontar as principais discussões realizadas e as possíveis contribuições dessas experiências para a escuta do sofrimento psíquico na contemporaneidade. Foram encontradas sobretudo discussões sobre a intersecção entre psicanálise e política, sobre as potencialidades de uma clínica realizada em espaços públicos e sobre as inflexões dessas experiências na própria configuração tradicional da clínica psicanalítica. As conclusões reafirmam a singular riqueza dessas experiências e as localizam em uma tradição politicamente engajada da psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise; Clínica; Rua; Política; Espaços Públicos.

Abstract: This is a review study on experiences of psychoanalytic clinics on the streets. It starts from the observation that experiences of this type have multiplied in Brazil in recent years, which has led to the production of a considerable bibliography of reports and reflections on the theoretical and practical consequences of the usage of psychoanalysis in this new configuration of clinical setting. Thus, a critical reading of this bibliography was conducted to point out the main discussions and the possible contributions of these experiences to listening the psychic suffering in contemporary times. Discussions were found above all on the intersection between psychoanalysis and politics, on the potential of a clinic carried out in public spaces and on the inflections of these experiences in the traditional configuration of the psychoanalytic clinic itself. The conclusions reaffirm the unique richness of these experiences and locate them in a politically engaged tradition of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Clinic; Street; Politics; Public Spaces.

¹ Mestre e doutorando em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Desenvolve pesquisas nas áreas de Psicanálise, Saúde Mental e Política Pública. E-mail: jgn.passarinho@unesp.br

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a história da psicanálise foi assimilada à história de suas grandes personagens ou de suas instituições oficiais, frequentemente apresentadas de maneira acrítica, constituindo o que Roudinesco (1995) chama de historiografia hagiográfica da psicanálise. Mas trabalhos recentes têm se esforçado em demonstrar outros caminhos tomados pela tradição psicanalítica ao longo do tempo, caracterizados pelo engajamento político da psicanálise em diferentes demandas e lutas sociais. Nesse sentido, a declaração de Freud (1919/2010a) de que o Estado deveria se responsabilizar pelo oferecimento gratuito de atenção ao sofrimento psíquico às camadas pauperizadas da população costuma ser reconhecida como uma espécie de marco inicial dessa história política da psicanálise (Gabarron-Garcia, 2023).

Elizabeth Danto (2019) demonstra que as primeiras gerações de psicanalistas, com apoio direto de Freud, empenharam-se na construção de clínicas públicas de psicanálise em diferentes cidades da Europa, que ofereciam atendimento clínico gratuito ou por valores flexíveis para todos que não tinham condições de arcar com os custos normais de uma análise. Gabarron-Garcia (2023), por sua vez, apresenta uma série de outros momentos em que psicanalistas se comprometeram em lutas populares em favor de grupos socialmente contra hegemônicos: das iniciativas da Sexpol reichiana, passando pelas cisões institucionais do movimento argentino e a experiência da clínica de La Borde, chegando à experiência do coletivo socialista de pacientes de Heidelberg, na Alemanha. Há, portanto, uma verdadeira tradição psicanalítica de engajamentos políticos e sociais, frequentemente acompanhada de importantes experiências e inovações clínicas.

Nos últimos anos, o Brasil se tornou o palco de novas experiências clínicas que compõem essa história política da psicanálise. Trata-se das clínicas psicanalíticas na rua, iniciativas de psicanalistas organizados em diferentes coletivos de trabalho e preocupados em oferecer atendimento clínico para populações que normalmente não acessam os consultórios particulares. Comumente, esses coletivos elegem um espaço público de grande circulação de pessoas e ali ofertam atendimentos gratuitos. Alguns exemplos dessas iniciativas são a “Psicanálise na rua”, em Santa Maria (RS),

o “Coletivo de Psicanálise da Praça da Alfândega”, em Porto Alegre (RS), o “Coletivo Estação Psicanálise”, em Campinas (SP), a “Clínica Pública de Psicanálise da Vila Iitororó”, a “Psicanálise na Praça Roosevelt” e a “Clínica Aberta de Psicanálise: Casa do Povo”, estas últimas da cidade de São Paulo (SP). Cada uma dessas experiências está preocupada em expandir o alcance da escuta psicanalítica, questionar as representações tradicionais da psicanálise como terapêutica elitista e promover inovações teórico-práticas pela mudança radical do setting clínico tradicional. Neste trabalho, nosso objetivo é o de revisar a já considerável bibliografia disponível sobre essas experiências.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referencial metodológico empregado neste trabalho é a psicanálise. Como indica Freud (1933/2010b), a psicanálise pode ser considerada, ao mesmo tempo, como uma terapêutica, uma teoria e como um método de investigação. Afirma ainda que, no campo psicanalítico, tratamento e investigação coincidem. Daí que Elia (2023), desdobrando os enunciados freudianos, defende a unidade metodológica da psicanálise. Isso significa que, independentemente de se tratar de um processo de análise de um sujeito que pede ajuda em um contexto clínico ou de uma pesquisa realizada em um contexto clínico, na psicanálise sempre se trata de uma perlaboração (*durcharbeiten*) de um saber, mediada por uma transferência, em direção a uma verdade não-toda.

Contudo, mesmo com essa coincidência geral, existem modulações desse método conforme o contexto em que ele é empregado. Se em uma análise propriamente dita se trata de perlaborar um saber idiossincrático sobre a posição singular de um sujeito, no caso de uma pesquisa acadêmica isso implica um passo suplementar, o da elaboração de um conhecimento transmissível, é dizer, rigoroso em termos lógicos e conceituais. Assim, não negamos haver algo de singular em nosso engajamento neste tema de pesquisa, mas buscamos, no contexto de elaboração deste trabalho, formulá-lo em termos que permitem uma apreciação crítica por parte de uma comunidade científica mais ampla.

Como se trata de um estudo de revisão, o referencial teórico mais amplo da psicanálise foi complementado por procedimentos metodológicos mais específicos.

Nesse sentido, empregamos as proposições de Lima e Miotto (2007) sobre a análise bibliográfica, tomada como uma modalidade de pesquisa qualitativa. A análise bibliográfica pressupõe uma posição ativa do sujeito pesquisador, que deve buscar, selecionar, organizar, analisar e refletir sobre o corpus da pesquisa, a fim de estabelecer novas conexões e formular assim um conhecimento rigoroso sobre o seu tema ou objeto.

Para selecionar o corpus da pesquisa, procuramos nos bancos de dados Scielo, Google Scholar, Lilacs e na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações por trabalhos acadêmicos que abordassem o tema da clínica psicanalítica na rua. Empregamos diferentes combinações dos seguintes buscadores: psicanálise, clínica, política, rua, praça, espaços públicos, clínica na rua e transferência. Selecionamos trabalhos que tratam exclusivamente das experiências de clínicas na rua, publicados nos últimos 6 anos. Após a leitura dos títulos e dos resumos, selecionamos 14 trabalhos condizentes com nosso recorte, sendo 10 artigos e 4 dissertações de mestrado. Em seguida, empregamos a técnica da leitura sucessiva da bibliografia (Lima; Miotto, 2007), que consiste em realizar, após a leitura de reconhecimento feita dos títulos e resumos, uma leitura interpretativa desse material, na qual o pesquisador conduz uma apreciação crítica de seu conteúdo.

RESULTADOS

As sucessivas leituras do corpus da pesquisa nos permitiram agrupar em dois eixos as problemáticas abordadas nesses trabalhos: um eixo teórico-técnico e outro ético-político. No primeiro, encontramos relatos e elaborações sobre modificações e invenções do fazer clínico no contexto da prática psicanalítica em espaços públicos. Destacam-se as questões relacionadas ao problema do pagamento ou gratuidade das sessões, os manejos transferenciais e as potencialidades imprevistas de uma escuta na rua, não conforme aos moldes clássicos do setting analítico, sobretudo em termos arquitetônicos e mobiliários. No eixo ético-político, aparecem com frequência as reflexões sobre o acesso da população à psicanálise e à cidade, bem como sobre o exercício da clínica psicanalítica pela organização de coletivos, muitas vezes formados em torno de posicionamentos políticos explícitos.

DISCUSSÃO

A questão da remuneração do analista é uma constante nos textos selecionados. Todos os coletivos cuja experiência é comentada nesses trabalhos oferecem atendimentos gratuitos, o que Santos (2025, p. 42-43) chama de “desmonetização do inconsciente”. Muitos trabalhos admitem a importância de alguma forma de pagamento para as sessões, mas insistem que ela não precisa ser necessariamente monetária, considerando haver outras formas de simbolizar a perda de gozo implicada na análise (Bragança; Biazus; Alberti, 2022, Rocha; Santos, 2022; Santos, 2025). Nesse sentido, distinguem radicalmente essas iniciativas das práticas filantrópicas (Bragança, 2021, Rocha; Santos, 2022). Assim, por mais que o dinheiro seja um mediador de trocas simbólicas hegemônico em nossa sociedade, os coletivos de atendimento psicanalítico nas ruas apostam em outras modalidades de pagamento, como o gasto de tempo e o comprometimento com o trabalho analítico, sem que isso comprometa os pressupostos básicos de sua prática.

Sobre os manejos transferenciais, destacamos a chamada “rotatividade de analistas” (Marino, 2019). Trata-se da possibilidade de um analisante ser escutado por um analista diferente a cada semana. Isso seria possível porque, inicialmente, a transferência pode se dar com o próprio coletivo (Santos, 2025). Posteriormente, o analisante pode escolher continuar com somente um profissional ou seguir sendo atendido por vários. Um dos possíveis benefícios desse manejo parece ser o da possibilidade de se abrir diversas cadeias discursivas. Diferentes temas são abordados com diferentes analistas, a depender dos traços contingentes de cada um, abrindo novos caminhos associativos para o sujeito (Rocha; Santos, 2022). Alguns trabalhos, entretanto, apontam para a possibilidade iatrogênica dessa rotatividade, isto é, dela funcionar como suporte à resistência (Marino, 2019). Nesses casos, os coletivos estudados procuram fixar um profissional na condução do caso (Santos, 2025). No caso específico de sujeitos psicóticos, verificou-se que essa rotatividade pode ser particularmente benéfica, ao relativizar a consistência que o Outro pode assumir nessa estrutura clínica (Rocha; Santos, 2022).

A respeito das potencialidades oferecidas pela modificação do setting tradicional em seus aspectos arquitetônicos e mobiliários, o trabalho de Bragança,

Biazus e Alberti (2022) evidencia a riqueza simbólica do espaço público. No caso das praças que compõem a história da cidade e, muito frequentemente, de seus habitantes, o próprio espaço público pode funcionar como um significante que desencadeia novas elaborações discursivas: “uma das apostas é de que as relações transferenciais se dão também com o espaço, e isto é presente na fala e no encontro que temos com alguns pacientes” (Bragança; Biazus; Alberti, 2022, p. 109). Por serem o palco de partes da história dos sujeitos, esses espaços comporiam bem com o trabalho de rememoração necessário para o exercício da psicanálise.

Quanto ao eixo ético-político, os trabalhos insistem no tema do acesso à psicanálise em frequente articulação com o problema do direito à cidade, com os coletivos de analistas buscando intervir no sentido da expansão ambos (Bragança, 2021; Rocha; Santos, 2022; Santos, 2025). No texto de Santos (2025), encontramos um debate sobre a própria noção de “coletivo” em psicanálise, como algo antagônico à homogeneização promovida pela “massa”. O coletivo, não obstante, pode se organizar em torno de uma espécie de causa comum. No caso do coletivo de que esse autor faz parte, isso passa por um posicionamento explícito contra os efeitos nocivos do neoliberalismo econômico e os resquícios coloniais que persistem em nossas sociedades, que frequentemente se traduzem para o sujeito contemporâneo em termos de sofrimento psíquico (Santos, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da constatação da existência de uma produção acadêmica relativamente extensa sobre as recentes experiências de coletivos clínicos de atendimento psicanalítico gratuito em espaços públicos. São trabalhos sobre coletivos de psicanalistas que se organizaram para oferecer escuta analítica gratuita para a população em lugares como praças, estações de trem e outros espaços citadinos de grande circulação. Situamos essas experiências, que se multiplicaram no Brasil nos últimos anos, em uma longa tradição histórica de práticas politicamente engajadas em psicanálise. Ao selecionar e revisar uma bibliografia sobre esse tema, buscamos identificar as potencialidades e inventividade clínica realizadas nessas

experiências. Assim, nossos resultados se organizaram em dois eixos: teórico-técnico e ético-político.

Encontramos experimentos clínicos inovadores no campo da psicanálise, como a desmonetização do inconsciente, o uso significativo do espaço público e o recurso à transferência rotativa. Além disso, notamos a presença de importantes reflexões de caráter ético-político suscitadas pelas experiências de clínicas gratuitas em espaços públicos, especialmente sobre dupla problemática do acesso: à psicanálise, mas também à cidade. Concluímos reafirmando a importância tanto clínica quanto política dessas experiências e a necessidade de produção de novos estudos acadêmicos sobre elas, para que se estabeleça com maior rigor suas descobertas e se tornem mais (re)conhecidas suas inovações.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Ana Carolina Bicca. **Psicanálise na rua: clínica e política**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

BRAGANÇA, Ana Carolina Bicca; BIAZUS, Camilla Baldicera; ALBERTI, Taís Fim. Considerações sobre a experiência em uma clínica de psicanálise na rua. **Cad. Psicanál.**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 47, p. 95-117, 2022.

DANTO, Elizabeth Ann. **As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social**. Tradução de Margarida Goldszajn. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ELIA, Luciano. **A ciência da psicanálise: metodologia e princípios**. São Paulo: Edições 70, 2023.

FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia analítica. In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos, vol. 14 (1917-1920)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1919/2010a. pp. 209-219.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, Novas Conferências introdutórias à psicanálise e outros textos, vol. 18 (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1933/2010b. pp. 124-354.

GABARRON-GARCIA, Florent. **Uma história da psicanálise popular**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.** Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

MARINO, Adriana Simões. Psicanálise na Praça Roosevelt: modalidades de transferência. **Stylus**, Rio De Janeiro, n. 38, p. 213-225, 2019.

ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues; SANTOS, Yan Lázaro. Coletivo psicanálise na praça Roosevelt: um contexto de psicanálise extramuros. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, vol. 22, n. 2, p. 01-15, 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Genealogias**. Tradução de Nelly Ladvocat. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SANTOS, Anderson. Coletivos de psicanálise: fazer clínica com Freud e outros aliados. **Cad. Subj.**, São Paulo, v. 1, n. 23, p. 30-44, 2025.